

# Literartes: práticas múltiplas de letramentos para o ensino da Língua Portuguesa

## Literartes: multiple literacy practices for teaching Portuguese

**Resumo:** Este artigo objetiva a apresentação de reflexões acerca de formas de ensino e de aprendizagem de linguagens, em uma perspectiva inter e transdisciplinar. Como parte do projeto de ensino e extensão Literartes, que ocorre no IFNMG *campus* Araçuaí desde o ano de 2017, reunindo um conjunto de produções artísticas organizadas pelos estudantes do Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio. Neste artigo focaremos nas práticas da turma do 2º ano, cuja temática são os ‘causos’ da região do Vale do Jequitinhonha. Os estudantes interagiram com diversas práticas de linguagem, a partir de narrativas de sujeitos da região do Médio Jequitinhonha. A partir desse contato oral, os alunos investigaram a relação desses causos com outras pesquisas, e houve produções de pequenos vídeos com as pessoas da região contando tais ‘causos’. Em outro momento, houve a recriação dessas histórias, colocando-as em situações/contextos mais atuais. Outra prática relevante foi a transformação da narrativa em roteiro teatral. Ao final das práticas elencadas, identificamos questões ligadas ao letramento e às diversas possibilidades de desenvolvimento de trabalhos de ensino, concebendo a língua como processo de interação, construção de sentidos e significados

**Palavras-chave:** Letramento. Ensino. Transcrição de textos.

**Abstract:** This paper aims to present reflections on ways of teaching and learning languages, in an 'inter' and transdisciplinary perspective. As part of the Literartes teaching and extension project, which has been taking place at IFNMG *campus* Araçuaí since 2017, bringing together a set of artistic productions organized by highschool students. In this article we focus on the practices from a sophomore class, whose theme is the ‘tales’ of the Jequitinhonha Valley region. Based on people’s, from the Middle Jequitinhonha region, narratives, students interacted with various language practices. From this contact, the students investigated the relationship between the stories and other researches, resulting in the production of short videos showing people from the region telling such stories. Secondly, the tales were recreated as if they had taken place on present times. Another relevant moment was when students transformed the tales into a theater play. At the end of the listed practices, we identified issues related to literacy and the various possibilities of development of teaching, conceiving language as a process of interaction, construction of and meanings.

**Keywords:** Literacy. Teaching. Text transcreation.

### Elizabeth Moreira Gomes

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Diamantina. Minas Gerais, Brasil.

 [orcid.org/0000-0003-3711-1663](https://orcid.org/0000-0003-3711-1663)

 [elizabeth.gomes@ifnmg.edu.br](mailto:elizabeth.gomes@ifnmg.edu.br)

### Lillian Gonçalves de Melo

Doutora em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG), *campus* Araçuaí. Minas Gerais, Brasil.

 [orcid.org/0000-0003-3558-8409](https://orcid.org/0000-0003-3558-8409)

 [lillian.melo@ifnmg.edu.br](mailto:lillian.melo@ifnmg.edu.br)

Recebido em 20/10/2019

Aceito em 10/11/2019

Publicado em 15/11/2019

eISSN 2594-4002



## 1 Introdução

Desde o final dos anos de 1980, apresentou-se na Língua Portuguesa a criação e o uso de um (então) neologismo — Letramento — que foi incorporado com sentido(s) recriado/reconstruído(s) em que se expandiram, sobremaneira, os sentidos e significados do termo em tela. Posteriormente, o termo passou a ser encarado como um conceito, quiçá como uma concepção de leitura e escrita, além de pressupor formas de aprender e também ensinar não apenas a leitura e escrita, mas um conjunto de práticas que envolvem a leitura, a escrita e ainda o ensino de Língua Portuguesa e Literatura — esse último sendo referido como ‘letramento literário’.

Considerando que, na contemporaneidade, os sujeitos convivem com uma diversidade de textos e de situações de leitura e escrita, além das formas de ensino-aprendizagem oriundas dos usos das novas tecnologias, faz-se necessário, desse modo, pensar em estratégias para que não apenas as tecnologias, mas outras formas de recepção/produção de textos passem a fazer parte do cotidiano escolar, de modo a contribuir para a formação de leitores/autores proficientes.

Mas como pensar em propostas de ensino da língua que deem conta da multiplicidade cultural e linguística das sociedades contemporâneas? Talvez uma das possibilidades seja a produção de reflexões acerca de concepções de letramento e multiletramentos. De acordo com a NLG (1996), a noção de multiletramentos está associada à multiplicidade cultural e linguística das sociedades contemporâneas e, por outro, à multiplicidade e integração de variados modos de constituição do significado, por meio da utilização de diferentes semioses.

O termo multiletramentos — e, obviamente, os estudos que o fundamentam — não é tão recente. O vocábulo é uma tradução do inglês *multiliteracies*, cunhado em 1994 e publicado pela primeira vez, em 1996, no Manifesto *A pedagogy of multiliteracies: designing social futures*, de autoria do New London Group (NLG) — equipe formada por estudiosos de diversas áreas especialização, os quais têm promovido uma importante discussão acerca dos estudos de letramento e das novas demandas educacionais face à globalização, à tecnologia e à diversidade sociocultural.

Se em 1998, Magda Soares cunhou o termo letramento apresentando perspectivas diferentes, a que denominou como letramento autônomo e ideológico, distinguindo as implicações de desenvolver trabalhos em uma ou outra perspectiva (SOARES, 1998), assim também a NLG apresenta argumentos que consideram a nova ordem cultural, institucional e global, dado que contemporaneamente estão postas múltiplas formas de representações

sociais em relação à leitura(s) e escrita(s) a partir das quais os sujeitos leitores/autores re-constroem sentidos para os textos lidos e para o próprio ato de ler

[...] a crescente multiplicidade e integração de modos de construção de significado, em que o textual está integrado ao visual, ao áudio, ao espacial e ao comportamental, e assim por diante”; ii) a [...] crescente diversidade local e conexão global. Lidar com diferenças linguísticas e diferenças culturais agora tornou-se central para a pragmática das nossas vidas trabalhadoras, civis e privadas (SANTOS, 2018, p. 57).

Assim, pensar o texto hodiernamente implica entender as várias possibilidades de associação entre o verbal, imagético, sonoro, icônico, dentre outras formas de re-construção utilizadas para a apresentação e/ou representação do mesmo. Somem-se a esse fato as múltiplas tecnologias que estão à disposição de autores/leitores para a construção de sentidos e de construções do texto em si.

Dessa maneira, como lidar com essas multiplicidades de textos e de formas de apresentação/representação desses e como contribuir com o estudante em processo de formação para que ele se torne um usuário e um produtor crítico de textos, mensagens, dentre outras formas de escrita/leitura? Como a escola, professores, especialmente professores de língua portuguesa e literatura podem contribuir para a formação de leitores/escritores de modo a possibilitar a fruição, mas também o desenvolvimento da criticidade, sem que o estudante perca a capacidade inventiva?

Baseando nessas indagações, neste artigo pretende-se apresentar reflexões acerca de um projeto de ensino/extensão desenvolvido em uma escola técnica integrada ao Ensino Médio — o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) *campus* Araçuaí —, intitulado Literartes e, no interior desse projeto, mostrar uma das ações desenvolvidas com uma turma do curso Agroecologia, que fomentou práticas de fruição de leitores e escritores a partir da imersão deles ao contexto social e cultural ao qual pertencem. Práticas como essa são de suma importância para erradicar estereótipos que reduzem as concepções textuais a mero objetos de interpretação subjetiva, sem considerá-lo como objeto de produção de sentidos, cuja significação dar-se-á da interação de sujeitos sociais e históricos. Na próxima seção abordaremos acerca do projeto de motivou a prática supracitada neste trabalho.

## 2 Literartes: projeções interdisciplinares

O projeto de extensão e ensino Literartes, que também abrange os preceitos da pesquisa, no ano de 2019, atingiu a sua terceira edição. Trata-se de uma prática cujo objetivo

foi desenvolver uma proposta interdisciplinar a partir de projeções artísticas e culturais. No ano de 2019, por exemplo, o foco temático do projeto foi o Vale do Jequitinhonha. Para isso, houve um trabalho em conjunto com as disciplinas da área de humanas — História, Geografia, Literatura, Artes, Inglês, Espanhol, Sociologia, Filosofia e Português — em parceria com outras da área técnica, tais como: Meio Ambiente e Informática.

O interesse pelo projeto Literartes dar-se-á pela relevância da cultura, arte e literatura na formação de sujeitos, de modo a despertar a sensibilidade, as percepções analíticas, criativas e a compreensão do lugar de pertencimento dos educandos, visto que o Vale do Jequitinhonha possui uma cultura popular imensurável. No que se refere aos multiletramentos, esse projeto propiciou aos educandos o contato com uma diversidade de práticas de letramento. Cabe destacar que concebemos o letramento sob o viés dos estudos culturais, compreendendo-o como um processo constituído de práticas sociais e interativas, envolvendo o protagonismo de sujeitos em formação docente, assim como previsto nos estudos de Kleiman e Assis (2016), Kleiman (1995, 2005) e Corrêa (2011, 2018).

Para o desenvolvimento do projeto foram realizados diversos estudos e seleções de objetos literários e artísticos que contemplassem a cultura do Vale do Jequitinhonha. Após esses estudos, ocorridos durante e após as aulas dos cursos integrados ao Ensino Médio do IFNMG *campus* Araçuaí, há momentos de interação dos alunos com o público externo, tanto por meio de pesquisas, quanto oficinas, produções e exposições artísticas e culturais que envolvem uma multiplicidade de artes, tais como: música, teatro, literatura, pintura, escultura e fotografia.

Outro fator de destaque do Literartes é o fato de o projeto impulsionar a arte e a cultura por meio das parcerias existentes. No ano de 2019, por exemplo, o projeto possuiu a parceria do Museu de Araçuaí e de quatro escolas estaduais da região. Além disso, como as atividades são abertas ao público, há participação de pessoas de diversas idades.

Sabe-se que as diversas manifestações da arte estão associadas a relação entre vida em sociedade, sendo necessário promover reflexões que, além de despertar o senso crítico, criativo e perceptível; aprimoram o conhecimento dos sujeitos envolvidos, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento humano. O Literartes é também um projeto que visa a associação entre teoria e prática de forma interdisciplinar, considerando também a inter-relação dessa teoria com a realidade local do Vale do Jequitinhonha, que é o espaço social de pertencimento dos sujeitos envolvidos. Desse modo, torna-se um projeto necessário para o desenvolvimento de sujeitos protagonistas desse processo de formação escolar.

A importância do Literartes justifica-se pela amplitude na promoção da arte em suas diversas manifestações, considerando, principalmente, o fato de que os sujeitos pertencentes ao Vale do Jequitinhonha estão inseridos em uma região que é rica culturalmente, marcada pela diversidade étnica, cultural, sendo necessário reconhecer esse contexto social e histórico como lugar de pertencimento, de representação identitária desses sujeitos em formação.

Desse modo, o *campus* Araçuaí do IFNMG exerce a responsabilidade social de promoção e valorização cultural, de modo a promover conhecimentos que extrapolem a arte elitista, além de incentivar o desenvolvimento das habilidades artísticas e humanas dos sujeitos em formação. Outro fator de destaque é o fato de que o projeto Literartes visou focar na arte local do Vale do Jequitinhonha, com o intuito de mostrar valores, culturas e a diversidade existente na região, além de promover a reflexão dos movimentos sociais e históricos que perpassam a arte, visto que, é uma forma de expressão humana, expondo os sujeitos participantes a práticas múltiplas de letramento.

Na pesquisa de Juliana Cândida Oliveira e Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes, intitulada *Diálogos entre arte, interdisciplinaridade e educação: o que dizem os PCNs*, as autoras enfatizam que a arte contribui sobremaneira para a integração do homem com o mundo. Há uma inter-relação entre a arte e a interdisciplinaridade nos contextos educacionais, porque ela possibilita a percepção de fenômenos integrados em diversos tipos de conhecimentos. Ao inter-relacionar a arte com outras disciplinas, como a Língua Portuguesa, por exemplo, nota-se a necessidade de as instituições de ensino promoverem práticas interdisciplinares, que erradiquem os preceitos tradicionais de conteúdos isolados, outro fator de destaque é que o protagonismo de escolha, criação e interação do projeto é direcionado para os alunos dos cursos técnicos e integrados do IFNMG *campus* Araçuaí.

A percepção da importância da arte sob o viés interdisciplinar surgiu na Europa, especificamente na França e na Itália, por volta da década de 60. Esse período foi marcado por diversos movimentos estudantis que reivindicavam mudanças na organização das universidades e das escolas. No Brasil, por exemplo, esse movimento ocorre no final dos anos sessenta. Atualmente, percebemos essa interdisciplinaridade no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que demonstra o quanto os conteúdos curriculares dialogam entre si.

A arte e suas diversas manifestações literárias, artísticas e culturais estão relacionadas a toda criação humana, é uma forma de expressão para ser vista, apreciada, difundida e sentida sob um viés multicultural. Por meio das diversas formas de manifestações é possível

intervir na sociedade, tornar o homem mais sensível a realidade ao qual pertence. Práticas que envolvam essa pluralidade de culturas e arte acompanha o próprio processo histórico da sociedade, desde a sua criação.

Desse modo, ao executarmos o projeto Literartes não direcionamos apenas a Arte em si, mas as possibilidades de ensino-aprendizagem em práticas de multiletramentos interdisciplinares, que atendem as premissas do ensino contemporâneo, cujos sentidos são construídos em práticas nas quais os alunos são os protagonistas do aprendizado. Na próxima seção abordaremos as práticas de multiletramentos desenvolvidas em uma turma do 2º ano, do curso técnico em Agroecologia integrado ao Ensino Médio do *campus* Araçuaí.

### 3 Contando um *causo*

No ano de 2019, no *campus* Araçuaí do IFNMG, pertencente à uma das ações do Literartes foi construído um subprojeto intitulado *Contos e casos do Vale*. A ideia inicial era a produção de pequenos vídeos que relatassem as profissões que se encontram em declínio, tais como sapateiros, lavadeiras, benzedeiros, dentre outras que até pouco tempo eram comuns em Araçuaí e cidades vizinhas e àquelas que vêm gradativamente desaparecendo. Como a cidade de Araçuaí tem uma significativa produção de artesanato reconhecida internacionalmente, os artesãos/artesãs também compunham o quadro inicial de pessoas a serem entrevistadas.

Paralelamente, embora não sendo uma profissão, observou-se que existem pessoas em Araçuaí e região que são habilidosas para a contação de causos e esses indivíduos também estão deixando de existir, além de, raramente, possuírem essa capacidade reconhecida. Assim, os estudantes sugeriram que se fizesse a recolha dessas histórias para que, posteriormente, pudessemos criar alguma forma de registro/publicização. Essa ação atendeu à temática do Literartes, pois tratou da cultura do Vale do Jequitinhonha.

Os estudantes se dividiram em pequenos grupos e decidiram qual temática iriam trabalhar: profissões que estão desaparecendo ou contadores de histórias. Foram formados dez grupos, com cerca de três a quatro estudantes. Desses dez grupos formados, apenas um manteve a ideia de trabalhar com profissões, os demais optaram pela recolha de casos, histórias do lugar.

A partir dessa decisão iniciou-se um trabalho em que os alunos assistiam e discutiam pequenos vídeos; observando-se aspectos como roteiro, a captação das imagens, visões

panorâmicas da cena, as cenas, as músicas utilizadas etc... enfim, procurou-se observar o vídeo em todos os detalhes; tais como: o que chamava a atenção ou não os enquadramentos da cena, cenários, dentre outros.

Paralelamente, os estudantes começaram a pensar quais roteiros iriam criar, como abordariam as pessoas, como construir entrevistas e quais técnicas de abordagem seriam mais adequadas para serem utilizadas com as pessoas. Em seguida, decidiu-se quais as pessoas seriam abordadas. Geralmente, os estudantes tinham um tio, tia, avó ou um parente que sabia contar os causos, principalmente, aqueles de assombração.

Também foram lidos alguns contos/crônicas de mistério e suspense para que se pudesse enriquecer as escritas dos textos; esses também se constituíam como objeto de discussão em sala de aula. Questões como: Que estratégias esse autor usou para criar suspense? Como você faria se essa história fosse sua? Dentre outras questões permearam a leitura/discussão dos textos.

Feitas essas preparações, os alunos saíram em busca dos entrevistados, construíram um pequeno roteiro de perguntas, reafirmaram o entendimento de como se portarem diante do entrevistado, marcaram hora e local e fizeram os primeiros vídeos- a que se denominou *história original*.

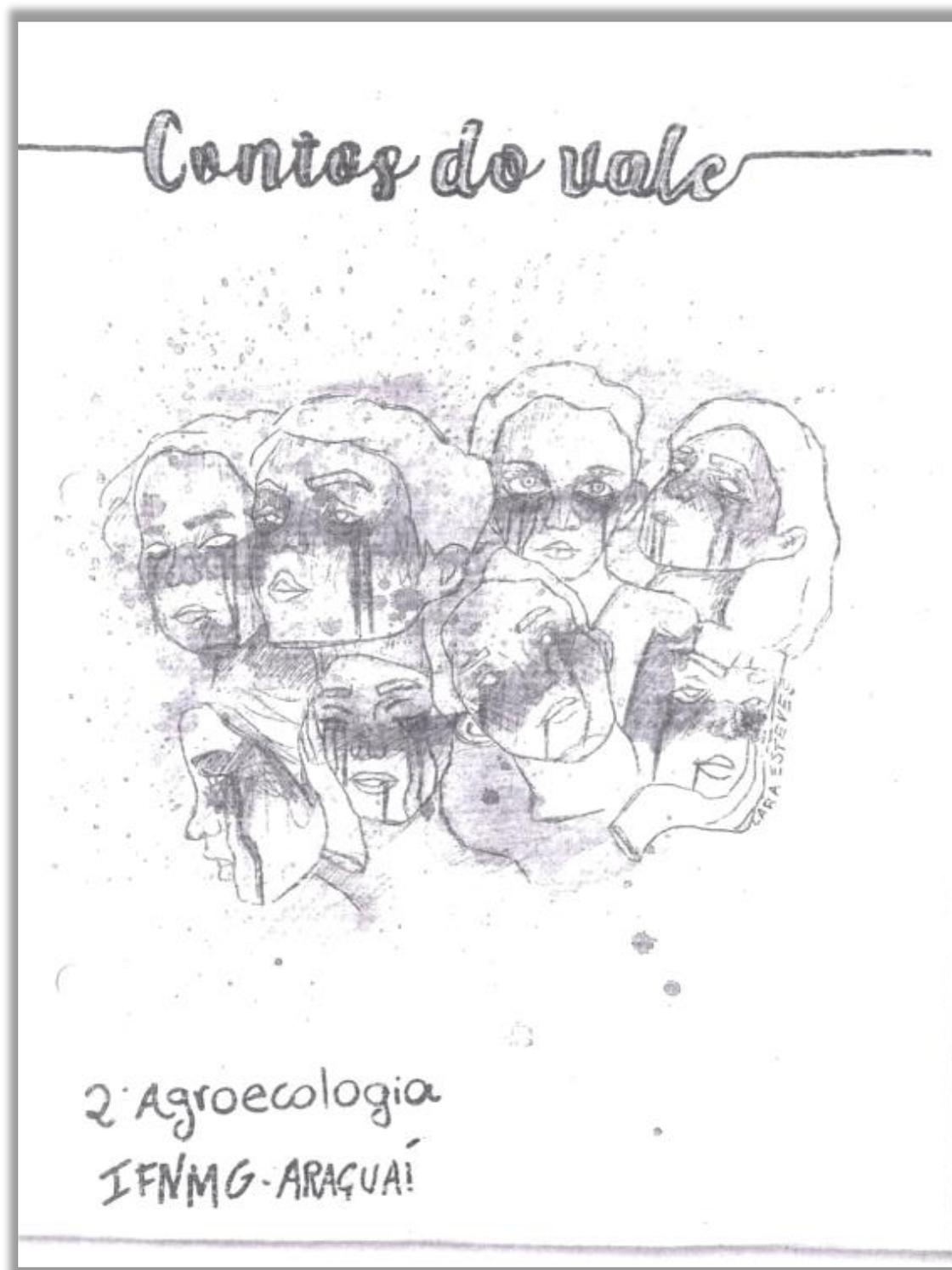
7

Também, transcreveram, integralmente, as histórias contadas pelas pessoas e uma entrevista com um artesão da cidade de Araçuaí. Essa foi uma parte importante do desenvolvimento do projeto, já que os estudantes utilizaram de vários conhecimentos/aprendizagens, tais como as formas de abordagem das pessoas, cabe citar que, como havia pessoas mais simples, elas que não queriam ser filmadas, os alunos tiveram que convencer essas pessoas para que elas permitirem o uso da câmera ou da máquina fotográfica, já que algumas não quiseram ser filmadas.

Realizada essa etapa, passou-se a recriação dos textos escritos e dos vídeos produzidos: a construção de outros roteiros, de outras histórias a partir dos causos recolhidos. Cada grupo foi recriando/transcriando as histórias, que eram lidas, analisadas e refeitas sempre a partir de discussões entre a professora e os diferentes grupos, conforme presente no anexo deste trabalho.

Como o Projeto Literartes exigia a apresentação em forma de jogos teatrais, os estudantes resolveram que fariam a partir das histórias recolhidas um roteiro e criariam uma pequena peça para ser apresentada. Passou-se então à escolha de qual seria a história a ser representada no palco-auditório da escola. Decidiram então a história, construíram o roteiro,

criaram/definiram os cenários, figurinos e, no dia da apresentação, mostraram os vídeos construídos e a peça de teatro. Cada espectador/visitante recebeu um livrinho que continha as histórias produzidas pelos diferentes grupos, juntamente com a entrevista de um grupo que trabalhou com o artesão. Nos anexos deste trabalho expomos algumas fotos e contações pertencentes a esse trabalho, conforme ilustram as imagens da sequência.





INSTITUTO FEDERAL DO NORTE DE MINAS GERAIS- IFNMG  
CAMPUS ARAÇUAÍ  
2º ANO AGROECOLOGIA

Caro leitor, cara leitora...

É com imensa alegria que, nós, estudantes do Ensino Médio Integrado, Curso Técnico em Agroecologia, turma do 2º ano, compartilhamos com você as nossas produções.

Este é o resultado parcial de um projeto que vínhamos desenvolvendo desde o mês de junho/2019, organizado pelo coletivo de estudantes da turma do 2º ano Agroecologia e pela Professora Elizabeth Moreira Gomes do IFNMG/Campus Araçuaí.

Esse trabalho visou inicialmente o registro de histórias, “causos” de nossa região, bem como a recolha de histórias de profissões que estão praticamente desaparecendo em um mundo que se torna, a cada dia, mais globalizado. Inicialmente, queríamos recontar histórias de benzedeiros, raizeiros, parteiras, e outras profissões que estão deixando de existir... mas... não tivemos ‘tempo’ para tanto.

Também, nesse percurso, nossas trajetórias e interesses foram se transformando... descobrimos com interesse que as histórias eram fascinantes e mudamos um pouco a rota inicial, dedicamo-nos aos ‘causos’. Descobrimos maravilhados que esses dariam boas histórias e seriam um material interessante para o reconto, para a transcrição.

A esse trabalho nós dedicamos então... e foi muito lindo... criamos, recriamos, fizemos e refizemos as histórias. Usamos nossa criatividade e reconstruímos e transformamos as histórias contadas gentilmente por várias pessoas de diferentes comunidades. Araçuaí, Itinga, Francisco Badaró, Coronel Murta... tantas histórias, muitas pessoas...em todas o desejo de contribuir, a gentileza em nos ‘doar’ o seu tempo... assim, surgiram os vídeos, assim, começou este livrinho...

A esses contadores e contadoras de histórias e ao artesão Marcinho, queremos agradecer de coração. Foi lindo ouvir, foi maravilhoso também recriar essas histórias... fica o registro, ficam os nossos agradecimentos a essas pessoas e a essas comunidades. Mas fica principalmente, o nosso desejo realizado... a construção dos vídeos, do livro e do teatro que ‘re-criamos’ a partir das histórias.

Boa leitura, e mais uma vez o nosso obrigado.

Com carinho,

*Estudantes do 2º ano do Ensino Médio Integrado- Técnico em Agroecologia e Professora  
Elizabeth Gomes*

"A CASA"

História original (imaginário popular)

Depois que casei com Beltrão, eu era bem nova, tinha 15 anos, nós fomos morar numa casa lá na Vargem Cumprida. Essa casa era bem grande, pois antigamente ela era usada para aprisionar e torturar escravos. Morávamos só na metade da casa, a outra metade ficava fechada. Podemos dizer que eram duas casas, casas geminadas. Beltrão ia trabalhar, e eu ficava em casa sozinha, às vezes ele chegava tarde, e eu não dormia até ele chegar. Mas eu não dormia, não era por preocupação não, e nem por ansiedade.

Quando chegava à noite, barulhos na outra casa começavam... eram gemidos altos, muitas vozes conversando, era perturbador. Eu acendia o fogão a lenha, o lampião, porque na época não tinha energia elétrica, e sentava na cozinha esperando Beltrão chegar. E essas vozes persistiram por muito tempo, até uma moça ir morar lá. Na minha casa eu não ouvia mais as vozes, mas já a moça...

Toda as vezes que eu ia para o rio lavar a roupa, ela ia atrás de mim, dizendo que não aguentava mais ouvir aquelas vozes, a mulher já estava ficando desregulada da cabeça. Até que um dia ela sumiu, ninguém sabe se ela se mudou por medo ou o que realmente aconteceu.

Recolhida pelos alunos.

Gabriel Araújo Cardoso, Giovana Vieira Ferreira, Mariana Rodrigues Santos

## HISTÓRIA RECRIADA

2

## \*A CASA\*

Casei muito nova, com 16 anos, meu marido se chamava de Beltrão. Nós nos mudamos para uma grande casa, na região da Vargem Cumprida. Essa casa não possuía uma boa história... Dizem que antigamente ela era utilizada para aprisionar e torturar escravos. Por algum motivo que ninguém sabe, essa casa era dividida em duas partes, eu e meu marido morávamos em uma delas, já a outra nem sabíamos o que havia lá.

Eu era responsável por cuidar da casa, enquanto Beltrão trabalhava fora, ficava sozinha o dia todo, e até tarde da noite às vezes. Não conseguia dormir até que ele chegasse, mesmo que confiasse nele, mas não era por nada disso, que as pessoas possam pensar de início.

Quando anoitecia, o outro lado da casa se tornava um ambiente hostil. Ouviam-se muitos barulhos, gritos, gemidos altos e vozes estranhas que não paravam por um minuto, o lugar era realmente assombrado.

O clima era muito aterrorizante, eu ficava na cozinha com o fogão à lenha e o lampião acesos, sentada, esperando Beltrão chegar. Somente quando ele chegava, aí sim esses barulhos paravam, mas todas as noites era a mesma coisa, não sei como me mantive sã.

A coisa mudou quando uma mulher foi morar lá, do outro lado da casa... não se ouviam mais os sons na minha parte da casa; já a mulher do outro lado, sim, de dia e de noite, era com ela que eu poderia conversar sobre essas coisas.

Quando eu saía de casa ela me acompanhava, dizendo não aguentar ficar lá sozinha de tanto medo que sentia. De tanto essas assombrações persistirem, ela não aguentou... começou a ter um comportamento estranho... falava sozinha, gritava, ria...

A pobre mulher parecia cada dia mais louca... até que....

Em um dia normal, um dia que seria como todos os outros... ela sumiu de casa sem avisar ninguém, sem notícias. O que mais me atormenta é o fato de que, depois disso, ninguém mais ouviu os barulhos em nenhuma das partes da casa.

Autoria.

Gabriel Araújo Cardoso

Giovana Vieira Ferreira

Mariana Rodrigues Santos

**"A FREIRA"**

História original (imaginário popular).

Era uma noite no ano de 1945... A cidade, Araçuaí (MG) ...

Ali existia uma mulher muito bela, dona de um coração muito bom. Era uma freira que despertava a curiosidade de todos que a viam.

Certo dia, essa mulher desejou entrar em uma igreja abandonada que chamava muito sua atenção pelos aspectos rústicos. Todos que moravam naquele local tinham medo de entrar naquele lugar, pois diziam ouvir vozes e gritos estranhos, mas ela como sempre foi muito corajosa, resolveu entrar para observar e ver algo que poderia guardar, mesmo com todos aconselhando a não entrar, não deu ouvidos e seguiu em frente.

Quando entrou na igreja ela começou a realmente ouvir barulhos, e de repente a porta se fechou.

Ela cai no chão, em seguida vê uma sombra rodeando-a... a figura de um ser desconhecido aparece, ela começa a tremer, a figura vem para cima dela...!

Acordou algumas horas depois no mesmo lugar com muitos hematomas, sua cabeça doía muito.

A mãe, preocupada com a irmã, resolveu mesmo com medo entrar na igreja.

Entrou e encontrou a freira...

Mas a freira já estava possuída e começou a torturá-la. Passaram-se dias...

Coisas estranhas começaram a acontecer na cidade, o medo se alastrava, mortes, e torturas em diversas pessoas começaram a acontecer...

Nossa freira não se lembrava de nada disso, e também não dava muita importância aos fatos...

Um dia, o padre que fazia parte da mesma paróquia, notou estranhamento no comportamento da freira e começou investigá-la. Ele já conhecia esse tipo de comportamento, acabou descobrindo que ela estava possuída, a freira descobrindo que o padre estava planejando forma de exorcizar o demônio, matou-o, em seguida cometeu suicídio.

Após esse dia, até mesmo nos dias de hoje sua alma ronda o mesmo local.

Recolhida pelos estudantes.

Hemilly Luiz, Marcelle Vieira, Jamille Barbosa, Emanuely Chaves, Lara Eduarda.

## Reconto da história

4

## \*A FREIRA?\*

Fazíamos parte de uma equipe caça fantasmas da região, estávamos sempre em casas que possivelmente, segundo os moradores, que viviam próximos a elas constatavam diversas aparições.

Éramos quatro, apenas mulheres. Trabalhávamos para uma senhora que, como ela sempre contou, era fascinada por terror. Ela pagava da melhor maneira, se pensássemos em desistir a quantia altíssima vinha em nossas mentes e surgia uma coragem do além.

Deixamos tudo para a última hora depois de ter esperado uma das integrantes...

18.30 , 18.50 , 19.30 , 19.50 , 20.00

Chegamos ao local. Quanta escuridão.

A repórter estava se preparando, a câmera estava sendo nivelada e a diretora passando os últimos avisos.

Moradores diziam que costumava aparecer naquela região, uma mulher com os cabelos bagunçados, roupa branca e muito pálida.

A rotina deixava as coisas menos assustadoras, nunca acreditávamos em certos depoimentos e sempre riamos dos casos.

A diretora estava achando algo meio estranho, como se houvesse algo à nossa espera.

As folhas estavam voando violentamente, a árvores pareciam mostrar algo.

Primeira filmagem, câmera sem foco.

\_\_ Como você instala a câmera e não regula o foco? Perguntou a diretora.

\_\_ Mas é claro que a regulei. - Respondeu a 'girl' câmera

\_\_ Parece-me que não. - Disse a diretora.

Segunda filmagem, continua sem foco...

A diretora começa a ficar sem paciência pela possível incompetência da responsável pela câmera, que, por sinal, era uma profissional e deveria organizar melhor seus equipamentos.

\_\_ Eu cumpro com os meus deveres, isso nunca aconteceu.

\_\_ A câmera virou sozinha? - Perguntou a repórter.

\_\_ SOZINHAAA? - Todos perguntam.

Quando olhamos na direção em que a câmera apontava, algo foi revelado.

Uma mulher.

Pálida.

Cabelos bagunçados.

Não é possível!

Ela veio em nossa direção, ficamos paralisadas.

Até que... acordei. 6.30, hora do trabalho.

Texto recriado por:

Hemilly Luiz, Marcelle Vieira, Jamille Barbosa, Emanuely Chaves, Lara Eduarda.

\*O MISTÉRIO DO BAÚ\*

História original (imaginário popular)

Quando eu era criança, o meu pai tinha um baú, e como criança é muito curiosa, eu ficava muito curioso para saber o que tinha tanto naquele misterioso baú, pois ninguém mexia, apenas o meu pai.

Um dia, quando todos saíram, inclusive o meu pai tive a ideia de bisbilhotar o que tinha ali. Embora não quisesse muito mexer, e sim perguntar ao meu pai o que havia ali, tinha medo que ele ou minha mãe me batessem, já que naquela época qualquer coisa era motivo de disciplina.

Seguido disso, optei por olhar escondido e com cautela. Olhei, e aquilo tudo me deixou abismado e a curiosidade permanecia. Depois de algum tempo, o meu pai chegou em casa. Aproximei com cautela, perguntando:

\_ \* Pai, posso perguntar o senhor uma coisa ? Mas promete que não vai me bater ! \*

Meu pai tranquilo disse que tudo bem, e que não ia me bater, então comecei a dizer que havia aberto o baú dele, e que tinha muita curiosidade para o que todas aquelas coisas serviam. Meu pai sem acreditar perguntou:

\_ \*Você teve coragem de abrir aquele baú velho menino ?\*

Eu, com muito medo, respondi que sim. Meu pai então disse, me surpreendendo,

-> \* Tenho outros sete filhos, e nenhum deles teve coragem de abrir aquele baú, sendo assim quando eu morrer peço que fique com ele\*.

Então, eu disse que sim, sem nem saber a serventia daquelas coisas.

Tempos passaram, e meu pai veio a falecer, meu irmão então me entregou o baú dizendo que era o desejo do meu pai. Para ser sincero, ainda tinha muita curiosidade em relação àquelas coisas que havia lá dentro. Eram 3 peixinhos mortos, um aparelho que segundo o meu pai que se enchesse um copo de cachaça e jogasse lá dentro, o aparelho sumia com a cachaça, e para mim era apenas um cabo verde com algumas moedas.

Quando cresci eu abandonei aquilo, peguei lendo a bíblia. Mas não o joguei fora, mas não tem utilidade. Até hoje não sei o que eram aquelas coisas, e para que serviam.

Recolhida pelos estudantes.

Luana Pereira, Ana Larissa Vieira, Stefanny Viana

## Reconto da história

## "O Baú"

A minha infância teve vários momentos marcantes, um deles é a história com o velho baú do meu pai. Ele sempre teve aquele pertence, mas não podíamos sequer tocá-lo, correndo risco de surra.

Eu tenho sete irmãos e naquela época nada melhor do que uma 'corça' para conter a rebeldia.

Certa vez, quando todos da casa saíram, eu, curioso, abri o baú, apesar de não conhecer nada do que tinha a minha frente. Fiquei assustado, eram coisas muito estranhas. Senti um arrepio subir pela espinha. Para a minha surpresa, meu pai não havia saído com o resto da família, ele estava no terreiro e me viu mexer nas coisas. Na hora, ele 'tirou uma carreira' e veio ao meu encontro. Eu, em choque e inerte, só observava.

Quando ele entrou em casa, veio um vento forte pela janela do quarto e ouvimos um assobio. Por um instante meu pai também parou. Com os olhos arregalados e uma voz estranha só consegui dizer-me que 'já era', eu já havia me condenado e em troca de paz para as pessoas que me rodeiam, eu deveria atender aos desejos do espíritos, que sempre queriam uma nova alma.

O primeiro desejo era um ritual de passagem, precisavam de sangue para me consagrar. Entregaram-me uma bolinha, semelhante a uma casca de um urucum, só que mais rígida; e me mandaram ir ao bar da esquina colocá-la no copo de uma mulher vestida de casaco verde, que eles mesmos encomendariam, e assistir ao espetáculo. Eu já estava quase infartando quando meu pai me mandou fazer o que eles pediam (havia alguns rumores sobre o meu pai ter contato com espíritos, mas nada certo, devia ser disso que falavam). Dito isso, eu fiz.

Foi a pior coisa que vi em toda a minha vida. Às vezes desejaria ter morrido antes que pudesse abrir o maldito baú. A mulher escolhida por eles já estava no bar quando cheguei, ela estava grávida; eu aproveitei quando ela se virou para falar com outro homem e coloquei a bolinha. Um tempinho depois, vi todo o sangue do seu corpo passar pela sua boca e até mesmo pedaços do seu feto. O espetáculo era ela agonizar até a morte.

Voltei para casa muito assustado e o meu pai me mandou dormir, todos já haviam chegado e adormecido, só ele me aguardava.

Agora, quase toda noite tenho espasmos e ouço vozes. Meu pai nunca mais falou comigo. Com o tempo descobri que cada objeto do baú tem uma função e um espírito. Quando me pediram para divulgar os fatos, tive que pedir autorização deles, mas eles só me permitiram falar e ainda assim ... eles acompanham quem lê ou ouve essa história.

História recriada por,

Luana Pereira, Ana Larissa Vieira, Stefanny Viana.

**\*A TOCHA\***

História original, contada por: Mercês Rodrigues dos Santos

Oi, meu nome é Mercês Rodrigues dos Santos. Hoje eu venho contar uma história que aconteceu há mais de 20 anos atrás. Morávamos em uma comunidade rural de Francisco Badaró, fomos convidadas para ir rezar um terço na casa de Francisco Ferreira, mais conhecido como Chicão, na comunidade de Manguara.

Eu e a minha filha Carmen, ao voltar do terço, isso mais de 22.30 da noite, passamos por uma estrada estreita e com muito mato por ambos os lados e a noite muito escura. Indo mais para frente, tínhamos que passar em uma grota que se chamava grota de Maria Barbosa. Muitos tinham medo de passar por lá, pois diziam os mais velhos que lá era assombrado, diziam que apareciam coisas, ouviam barulhos estranhos, etc.

Até esse dia eu não tinha medo de passar por lá ainda, pois nunca tinha acontecido nada de estranho. Mas esse dia foi muito pesado, porque quando eu e minha filha estávamos passando no meio dessa grota vimos uma espécie de tocha que acendia e apagava três vezes, quando demos um passo a frente um tipo de pedra caiu fofo, eu e minha filha paralisamos de nervoso não conseguíamos falar nada de tanto medo.

De lá da grota deu para ver uma luz acesa na casa da minha comadre, aí nós começamos a voltar a falar, minha filha, trêmula, me disse que não era para nós irmos embora para nossa casa pois estávamos muito longe. Decidimos que nós íamos ficar na casa da minha comadre, lá ela nos acolheu e disse que não era para nós voltarmos mesmo, só voltamos para nossa casa no outro dia de manhã. Essa história ficou na minha lembrança e nunca mais eu quis passar ali nessa grota a noite, o medo foi muito grande e nós nunca esquecemos desse dia.

História coletada pelos estudantes.

Ana Clara Aguilár Oliveira e Ketly Ferreira

## Reconto da história

## "A TOCHA"

Meu nome é Mercês Rodrigues dos Santos, hoje eu venho contar uma história que aconteceu há 20 anos atrás. Morávamos em uma comunidade rural e fomos convidadas para rezar um terço na casa de Francisco Ferreira, conhecido como Chicão.

Após o terço, ouvimos boatos que a grota era mal assombrada. A caminho de casa, próximo a grota ouvimos choro e pessoas gritando e andando em direção a grota. Vimos tochas de fogos que acendiam e apagavam.

Vendo a cena, apressei o passo de repente escutei passos e uma voz grossa gritando "me ajude senhora, me ajude senhora", quando olhei para trás, avistei o finado Ferreira todo de branco vindo em minha direção. Nesse momento, meus cabelos arrepiaram e sai correndo, chegando próximo da grota tinha uma tocha de fogo que acendia e apagava... De repente... passou por mim uma mula que cuspiu fogo. Parou na minha frente... fiquei aterrorizada e comecei a correr, correr...

Corri até chegar em casa da minha cunhada Marica onde ela me abrigou. Depois de alguns minutos, ouvimos passos de uma mula se aproximando da casa, quando ia chegando próximo à janela, o barulho foi embora, pelo menos foi o que nós pensamos. Então, escutou-se um barulho muito alto na janela. Como ela era bem forte, a mula não conseguiu quebrá-la no primeiro coice, então ela continuou dando coices, no terceiro coice a janela se abriu...

História Recriada. Ana Clara Aguilari Oliveira, Ketly Ferreira.

**\*ROTEIRO\***

**Márcio artesão**

-Meu nome é Márcio Barbosa Silva, conhecido como Marquinho artesão, do Vale do Jequitinhonha, moro em Araçuaí e nasci aqui.

-Quantos anos você tem?

Estou com 55 anos, nasci em 1964.

E tem quanto tempo que você trabalha com artesanato?

-Trabalho com artesanato desde criança com 13 anos de idade, eu aprendi com a Zefa, artesã que trabalhava com madeira e argila, e essas duas disciplinas de arte eu aprendi com ela, Zefa, artesã, uma das maiores artesãs do Vale do Jequitinhonha. Ela morreu tem 'pouco tempo ai'. Morreu com 94 anos. Ela foi uma inspiração para mim e essa inspiração eu também aprendi com meu pai com meus avós que faziam painéis presépios lá na roça, e no Natal eu gostava de fazer uns presépios para minha mãe e também vendia alguns 'presepinhos' para fora (Itália e França) e foi assim que tomei gosto pelo trabalho e virei esse artista de Deus, Deus me deu essa arte.

- Quanto tempo em média você demora para produzir uma de suas peças?

-A produção de quem trabalha com arte vai variar do tipo de trabalho que estamos fazendo. Como eu gosto da arte sacra, a arte barroca que tem muito movimento acaba demorando mais e se for em madeira demora cerca de um mês a três meses, vai variar da qualidade e do tamanho das peças. E na argila eu faço em média trinta peças em um mês. Essa peça eu estou esculpindo para ser a sagrada família, aqui está só um esboço, aqui vai ser o São José onde aqui vai estar o bastão a Senhora e Jesus dando a mão a São José.

-Você gosta de fazer artesanato?

Adoro, gosto muito.

-Você consegue tirar uma renda proveniente do seu trabalho?

-Sim, a gente consegue, se não seria dureza demais, dá para sobreviver podemos dizer assim, mas é um pouco difícil por estarmos aqui no vale do Jequitinhonha, longe de lugares como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, onde esse tipo de trabalho é mais visado.

Considerando que o número de artesãos vem diminuindo ultimamente. .

- Você por ser uma Pessoa experiente, teria alguma lição de vida para passar para nos jovens aqui presentes?

-Tenho sim, uma grande lição para passar para vocês, e é a seguinte, valorizar as coisas simples principalmente a arte que vai nos dar desenvolvimento para adquirimos mais habilidades nos nossos estudos. Eu trabalhei dando aula em Betim lá na prefeitura e tinha um moço que trabalhava na Fiat produzindo para-choque, e quando ele perdeu esse trabalho ele veio me pedir para dar oficina de arte para ele; eu dei, e ele se tornou um grande artesão, então vocês jovens cultivem bastante a arte. Nós estamos vivendo um tempo bem avançado, onde o futuro eu não sei

como vai ser, mas vocês devem se preparar bastante para o futuro que nós não preparamos, porque nós jovens temos que atingir o futuro e levar essa experiência da arte no sangue \*E no sangue temos a etnia indígena e afro então quem trouxe essa Cultura para cá foram os índios os africanos, então não devemos esquecer essa história.

-Verdade, não podemos deixar essas artes morrerem.

-Agradeço ao Lucas,Iago e o Tarcísio pela a entrevista e eu acho muito importante e fico feliz por está mostrando um porquinho da minha arte e a do Vale do Jequitinhonha e também agradeço a escola, muito obrigado!

-Nós agradecemos.

Trabalho realizado por. Lucas Xavier e Tarcísio Ferreira.

Trabalho proposto por. Elizabeth Gomes.

Entrevistado. Márcio Barbosa Silva.

História original contada por Josué da Silva

**"O MISTÉRIO"**

Na Praça Inácio Murta em Coronel Murta havia quatro leões de pedra com asas no teto de uma lanchonete. Uma mulher de São Paulo apareceu lá, ainda quando Inácio Murta era o prefeito; ela disse a ele para retirar os leões de lá ou algo ruim iria acontecer em Coronel Murta. O prefeito ouviu, mas não deu atenção.

Semanas depois, o Prefeito morreu com um tiro na virilha.

O vice-prefeito eleito assumiu o cargo de prefeito e no dia em que ele deveria subir ao palco para fazer o discurso de posse, foi avisado que alguém iria tentar atirar nele. A polícia foi chamada para evitar a morte do novo prefeito.

Porém, a polícia começou a atirar para o alto para espantar o assassino em potencial...

Dias depois, a mulher misteriosa apareceu e disse ao novo prefeito a mesma coisa. "é preciso retirar os leões da Praça, senão algo ruim irá acontecer."

Esse novo prefeito também não deu ouvidos... alguns meses depois, esse prefeito também morreu, vítima de um câncer... todos dizem que as mortes têm a ver com essa mulher misteriosa e, logicamente, com os leões.

História coletada pelos estudantes.

Fabianne Miranda Jardim, Karol Silva, Lucas Ramos Sousa.

## História Recriada

## "O MISTÉRIO"

Lá para os anos de 2003 num certo dia...uma sombra negra com feições femininas, se mantinha muito misteriosa, era impossível ver seu rosto, seus olhos brilhavam cor de fogo, apareceu na cidade como o vento, que surge do nada, aterrorizando os moradores, vozes se ouviam... ela dizia ser de São Paulo, estava sempre falando em leões.

O prefeito preocupado reuniu alguns moradores corajosos, policiais, caçadores, para que capturassem aquela sombra. Certa vez, a sombra andava pela noite, o relógio marcava meia noite...

Sombra. (Susurrando) - retire os leões que estão no alto do coreto ou algo de ruim irá acontecer.

O prefeito nem ligou, porém estava sempre preocupado e pediu para que os homens que ele tinha reunido, ficassem de guarda para proteção da cidade.

Sombra. (susurrando pela cidade) - retire os leões que estão no alto do coreto ou algo de ruim irá acontecer, essa será a última vez que irei avisar, amaldiçoarei todos os prefeitos desta cidade. Seus homens não poderão proteger a sua cidade meu caro prefeito, você está nas minhas mãos...

Os homens viram a sombra passando na saída da cidade perto de um velho matagal, e rápidos, atiraram flechas, tiros, bolas de fogo, porém tudo que batia nela voltava, como se fosse um grande espelho negro. Homens morreram... o matagal pegou fogo... a cidade ficou um caos, todos morrendo de medo.

No dia seguinte...Foi dito e feito, a maldição caiu, e o prefeito que não escutou aquela velha sombra, faleceu com um tiro na virilha, de uma forma misteriosa.

A cidade foi à loucura...

A sombra continuou. (Sussurrando) -enquanto vocês não retirarem os leões do alto do coreto, eu não irei deixar de perturbar...

O vice-prefeito teve que assumir o cargo, mas por tradição não quis ouvir a sombra.

Uma simples vereadora subiu ao palco no dia da posse. Na plateia alguém totalmente estranho dos demais, observava tudo, um suspeito, porém normal e não uma sombra, ele passou a mão na cintura estava com uma arma pronto para atirar, sorte que os policiais desconfiaram e começou a atirar para cima para então espantar o sujeito.

A sombra tinha desaparecido da cidade, todos acharam estranho, tudo estava ocorrendo normalmente porém o prefeito, estava passando por problemas pessoais.

Em um dia tranquilo, durante o tão esperado 'forrozão', tradição da cidade, a sombra volta a aterrorizar os moradores.

(Gritando) - Até hoje vocês não tiraram os LEÕES! A MORTE do antigo prefeito não foi suficiente... eu disse que iria amaldiçoar, agora será mais que uma maldição, esses leões pertencem a mim e não são uma forma de tradição, retirem essas estátuas, ou terei que fazer com as minhas próprias mãos.

A sombra desapareceu, risadas maldosas se estenderam... gargalhadas... como se viessem de uma multidão começou a soar mais alto.

Todas as noites essas risadas se estendiam pela pequena cidade, que de tranquila naqueles tempos já não tinha nada.

Todas as noites as risadas se estendiam pela cidade, apavorados os moradores pediam socorro ao prefeito, pediram para retirar as estátuas de leões. O prefeito se negava...

À noite, eles ouviam sons de leões a sua volta, a voz da mulher sussurrava em seu ouvido enquanto dormiam dizendo que chegou a sua hora, como eles não a tinham escutado, ela veio para lhe buscar. No dia seguinte acordou, passando mal, foi levado para o hospital, diagnosticado com câncer, faleceu...

No velório, risadas se espalharam novamente.

Ouviram-se vozes da sombra. Eu avisei, eu avisei, eu avisei...

Gritos.

(Vozes sussurrando de longe) - eu aviseei.

As luzes se apagam, e do nada os olhos cor de fogo surgem na escuridão...

O caixão cai...

Autoria.

Nome, Fabianne Miranda Jardim, Karol Silva, Lucas Ramos Sousa.

#### 4 Algumas reflexões a partir dessa experiência

Esse trabalho se mostrou importante nos processos de ensino e de aprendizagem, pois proporcionou aos professores e estudantes significativas experiências que fomentaram algumas reflexões teóricas e metodológicas relativas aos processos de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa.

Em primeiro lugar, faz-se necessário explicitar a concepção de linguagem/língua adotada no percurso de trabalho. A linguagem e a língua não podem ser concebidas a partir de uma concepção estática, baseada tão somente na normatividade e na apreensão de modelos canônicos. A diversidade linguística se apresenta como uma realidade de entendimento das diversas culturas e formas de expressão, cada uma com suas especificidades, mas nem por isso, melhores ou piores em termos de construções textuais.

Formas de expressão e de estruturações textuais se encontram interligadas a formas de representações sociais dos diferentes sujeitos sociais, que se expressam e ressignificam formas de pensar. No dizer de Bakhtin (2010), a língua não é a expressão do pensamento, ao contrário, é o pensamento que se orienta, determina e é determinado por ela.

Isso implica entender que a língua adquire um caráter mutável, não apenas quando é a expressão de um grupo social determinado em relação a outros, e, entre essas formas de usos e de expressão, percebe-se não necessariamente uma ruptura, mas um *continuum* em que as várias modalidades linguísticas se colocam em contato umas com as outras, modificando-se. Explicando melhor tal afirmativa, tem-se que: muitos dos estudantes do IFNMG são de classe trabalhadora e, embora sejam estudantes do ensino médio, alguns deles constituem a primeira geração que alcança o ensino médio.

Como vários alunos solicitaram aos avós, tios ou parentes mais velhos que contassem as histórias, observou-se uma profunda diferença de uso da língua, mas tais diferenças iam além de questões puramente geracionais. Obviamente que a questão geracional contribuiu para acentuar essas diferenças, mas o que se quer afirmar é que não se tratava de uma questão puramente geracional. A influência da escola, de meios de comunicação — rádios, TV, cinemas — e, sobretudo, dos usos de novas tecnologias trouxeram à tona diferenças linguísticas que marcam os depoentes e os alunos (jovens) que fizeram a recolha dos causos.

Essa diversidade linguística foi debatida em classe e tornou a experiência significativamente rica e interessante. Pôde-se observar formas de estruturação de narrativas, que coincidiam com os textos canônicos lidos, mas também apresentaram diferenças. Esses

estudos tornaram as aulas bastante interessantes e primorosas no ensino da linguagem em condições de uso pelos falantes.

Ao mesmo tempo, foram experienciadas práticas com as linguagens orais e escritas, talvez difíceis de serem vivenciadas no interior da escola. A transcrição/refacção dos textos escritos tornou-se significativa, uma vez que os estudantes sabiam que suas histórias seriam publicadas, portanto, existiriam interlocutores/leitores reais para os seus textos.

Pode-se afirmar que ocorreu, de fato, uma apropriação das linguagens e dos sujeitos, os autores dos textos se configuraram como sujeitos reais, tanto na perspectiva dos leitores, mas, sobretudo, dos autores dos textos.

Por fim, vale ressaltar a multimodalidade de gêneros e a intergenericidade que se alcançou nesse trabalho, uma vez que os alunos se apropriaram e fizeram usos de diferentes mídias — vídeos, roteiros de vídeos, roteiro de teatro, narrativas originais, em que reproduziram as falas dos sujeitos entrevistados — e, por fim, a recriação dessas histórias, com a produção de outros vídeos, que tinham como base a história recolhida, além da transcrição dos casos recolhidos. Finalmente, ressalte-se que a inter e a transdisciplinaridade se fizeram presentes, dado que a Língua Portuguesa, a Literatura e a Arte estiveram presentes em todas as ações dos estudantes e dos professores envolvidos no projeto Literartes, nas várias discussões/trabalhos desenvolvidos em classe.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. [As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários](#). *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10, n. 4, p. 333-356, 2011.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. Letramentos e gêneros do discurso na universidade (incluindo discussão sobre (novas) práticas de leitura e escrita na internet). In: ABREU-TARDELLI, Lília Santos; KOMESU, Fabiana. (Org.). *Letramentos e gêneros textuais/discursivos: aproximações e distanciamentos*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

CUBA, Juliana Cândida Oliveira; MARTINHO, Juliana Silva Martinho; BERNARDES, Sueli Teresinha de Abreu. [Diálogos entre Arte, Interdisciplinaridade e Educação: o que dizem os PCN](#). *Travessias*, Cascavel, v. 10, n. 2, p. 155-174, 2015.

KLEIMAN, Angela Bustos. (Org.) *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela Bustos. *Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?* Campinas: UNICAMP/MEC, 2005.

KLEIMAN, Angela Bustos; ASSIS, Juliana Alves. (Org.). *Significados e ressignificações do Letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2016.

SANTOS, Fernanda Maria Almeida dos. [Multiletramentos e ensino de Língua Portuguesa na educação básica: uma proposta didática para o trabalho com \(hiper\)gêneros multimodais](#). *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 43, n. 76, p. 55-65, jan./abr.2018.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. São Paulo: Autêntica, 1998.

THE NEW LONDON GROUP. *Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 1996.